Modernidade e consumo: a vida animal como objeto de testes

Modern and consumption: Animal life as an object of tests

Caroline Ferri

Professora de Direito da Universidade de Caxias do Sul (UCS),
Doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Daísa Rizzotto Rossetto

Mestranda em Direito Ambiental pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), bolsista FAPERGS. E-mail: daisarossetto@gmail.com

Recebido em 07.08.2014 | Aprovado em 27.09.2014

A verdadeira bondade do homem só pode manifestar-se em toda a sua pureza e em toda a sua liberdade com aqueles que não representam força nenhuma. O verdadeiro teste moral da humanidade (o teste mais radical, aqueles que por se situar a um nível tão profundo nos escapa ao olhar) são as suas relações com quem se encontra à sua mercê: isto é, com os animais. E foi aí que se deu o maior fracasso do homem, o desaire fundamental que está na origem de todos os outros.

Milan Kundera - A insustentável leveza do ser

Resumo**:** O presente artigo pretende estabelecer algumas reflexões acerca do tratamento que é concedido aos animais na esfera contemporânea. Para tanto, procura elencar considerações históricas que fomentam a visão dos animais como objetos, amplamente subservientes aos homens. Posteriormente, mostra como a modernidade, na sua forma consumista, permanece considerando os animais da mesma forma que a antiguidade, ou seja, como meros objetos sem ou com pouca sensibilidade. Tal condição permanece no que se refere ao uso

constante de animais em testes diversos, mais um dos fatores que demonstram como a sociedade pautada no consumo descaracteriza os animais da sua própria natureza. Assim, defende-se a necessidade de uma nova forma de racionalidade capaz de incluir nas questões éticas humanas o tratamento digno para com os animais, capaz de ser refletido na normatização do Direito que venha a modificar a atual ideologia de exploração dos animais, trazendo mudanças de fato que respeite a dignidade da vida animal.

Palavras chave**:** direito dos animais; consume; ética.

Abstract: This article aims to provide some reflections on the treatment that is given to animals in the contemporary sphere. For that seeks to list historical considerations that promote the vision of animals as objects, largely subservient to men. Subsequently, shows how modernity in its consumerist way, considering the animal remains the same as seniority, ie as objects with little or no sensitivity. This condition remains in relation to the constant use of animals in many tests, most of the factors that demonstrate how a society based on consumption mischaracterizes the animals of their own nature. Thus, we argue the need for a new form of rationality able to include ethical issues in human decent treatment for animals, can be reflected in the standardization of law that will modify the current ideology of exploitation of animals, bringing changes the fact that respects the dignity of animal life.

Keyword**:** animal rights, consumption, ethics

Sumário: 1. Introdução: a historicidade e a determinação dos animais como *res* – 2. A modernidade e a sociedade de consumo – 3. Os animais e as relações de consumo – 4. Os animais como objetos de testes – 5.Conclusão – 6.Notas de referências.

1. Introdução: a historicidade e a determinação dos animais como *res*

O ponto de partida para a elaboração de uma análise quanto ao que se tem destinado historicamente aos animais é a sociedade moderna. Para tanto, cabe destacar que a consolidação da sociedade como está configurada na atualidade não é uma formação recente, mas que detém milhares de anos da história, onde pôde ser fortificada e modelada.

No cenário antropocêntrico, os animais são seres descaracterizados da própria existência, uma vez que são considerados como coisas sem qualquer expressão ou sensação, excluídos duma relação de cuidado e defesa de (seus) interesses. As práticas são reiteradas, vindo à contramão do ideal de proteção e defesa, de valorização da vida e do cuidado.

A sociedade, no desenvolvimento da "civilização" tratou de desvincular-se do meio natural e, consecutivamente, consentiu na transformação dos animais em meros objetos, com exclusivo objetivo de que os mesmos servissem aos anseios humanos. Nesse sentido, compreende-se que a consagração dos ideais modernos é construída em pilares solidificados, em conceitos que conceberam o mundo em que o homem é o soberano de tudo que existe ao seu redor. "Há séculos que os animais vêm servindo aos mais diversificados interesses humanos, sobretudo naquelas atividades tidas como lúdicas ou culturais."[1]

Tais concepções surgiram á milhares de anos atrás, desde a Grécia Antiga. Posteriormente a religião fez suas contribuições, deixou suas marcas e reafirmou a inferioridade dos animais não humanos, contribuindo para que estes fossem postos no "subúrbio" em relação aos humanos, que se encontram no centro de toda formação do sistema, consolidando, assim, a afirmação de que "o modo de pensar da maior parte das sociedades humanas está intimamente relacionado à sua herança cultural."[2]

> O antropocentrismo teleológico das tradições aristotélica, estóica e cristã, a ideia de que tudo foi criado para o homem, de que o espetáculo da natureza gravita em torno dos desígnios da condição humana, é, como o caracteriza Arthur Lovejoy, "um dos mais curiosos monumentos da imbecilidade humana".[3]

Na leitura da obra Leviatã, de autoria de Thomas Hobbes, pode ser notado o seu pensamento em relação aos animais, ao mencionar que, "(...) o homem distingue-se dos outros animais não só pela razão, mas também pela paixão. Nos animais, o ape-

tite alimentar e os prazeres dos sentidos predominam, afastando qualquer preocupação de conhecer as causas."[4]

Ainda, em Leviatã,

> (...) não existe, para os animais qualquer outra felicidade a não ser desfrutar das delícias dos alimentos, do repouso e dos prazeres cotidianos, pois eles têm pouca ou nenhuma previsão do futuro, por falta de observação ou memória da ordem, conseqüência e dependência das coisas que estão por vir; ao contrário, o homem observa como se produziu um acontecimento e seus antecedentes e conseqüências.[5]

Nesse mesmo sentido, pode-se mencionar que a teoria cartesiana, quando da definição da doutrina do *cogito*, valoriza a condição cognoscente, o uso da racionalidade em sua forma plena. Dessa forma, seria possível discutir a condição dos animais como seres suscetíveis ao sofrimento. Assim, pode-se afirmar que a teoria de Descartes poderia ter sido utilizada com a finalidade de marcar as esferas da dor e do sofrimento e o dualismo corpo/alma como exclusivos das experiências humanas.[6]

Indo de contramão a toda construção do ideal antropocêntrico, na Antiguidade, Anaximandro tomou o caminho inverso, e concluiu que os animais são seres sencientes e que não devem estar à margem dos anseios humanos.

> Segundo Plutarco (56 – 120 d.C.), "diz Anaximandro que os primeiros animais nasceram na umidade, envoltos em cascas espinhosas. À medida que cresciam, avançavam para partes mais secas, rompia-se a casca e, por um breve período de tempo, viviam uma espécie diferente de vida. Ainda segundo Plutarco, "[...] assim Anaximandro tendo declarado serem os peixes a um só tempo pais e mães dos homens, clama para que não nos alimentemos deles.[7]

A despeito de todas as considerações históricas acerca da inferioridade dos animais frente aos humanos no que se referem à possibilidade de sentir dor, estes argumentos não foram uma consideração unitária. Montaigne, por exemplo, defendeu uma espécie de superioridade, tanto em termos morais quanto racionais, das chamadas espécies "não humanas".[8]

Assim, cabe a este artigo, a partir das questões acima levantadas, propor uma discussão acerca da consideração dos animais como *res*, especificamente no que se refere à continuidade destes pensamentos e perspectivas históricas nos atos da modernidade, como, por exemplo, nas condições de consumo e a realização de testes.

2. A modernidade e a sociedade de consumo

Na obra Modernidade Líquida, Bauman coloca que "a história do tempo começou na modernidade. De fato, a modernidade é, talvez mais que qualquer coisa, a *história do tempo*: a modernidade é o tempo em que o tempo tem na história."[9]

A sociedade moderna tem características bastante próprias, entre estas, a individualização e o consumo exagerado.

> A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna. Essa apresentação, porém, não foi uma peça de um ato: é uma atividade reencenada diariamente. A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de "individualização", assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada "sociedade". (...) A "individualização" agora significa uma coisa muito diferente do que significava há cem anos e do que implicava nos primeiros tempos da era moderna – os tempos da exaltada "emancipação" do homem da trama estreita da dependência, da vigilância e da imposição comunitárias.[10]

Ainda, a cerca do absolutismo moderno, diz-se que, "A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e essas estrelas formam uma constelação que contém toda a informação sob seu caráter, conduta e destino."[11]

Nessa nova era, consumir tornou-se palavra de ordem. Consumir de forma irracional, irrefletida, inquestionável. E o que antes poderia ser considerado uma sociedade de cidadãos, representa, agora, a sociedade de consumidores que se desvinculam do Estado, desvinculando-se, assim, de uma conjectura social distanciada de um exercício de cidadania.

Assim,

> A "sociedade de consumidores", em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja, e reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas. Uma sociedade em que se adaptar aos preceitos da cultura de consumo e segui-los estritamente é, para todos os fins e propósitos práticos, a única escolha aprovada de maneira incondicional. Uma escolha viável e, portanto, plausível – e uma condição de afiliação.[12]

Em verdade, é que por tal configuração, "Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade."[13]

Os indivíduos, ao invés de tornarem-se verdadeiros cidadãos, praticantes de sua dignidade, tornaram-se simples consumidores. Desta forma, afasta-se da concretude de relações sociais, - que possui afinidade com a opressão e exploração dos animais - ao adotar-se um comportamento que se limita a ação da compra e do consumo instantâneos de mercadorias que virão a serem descartadas rapidamente. Estas ações dão-se de forma irrefletida.

Em outras palavras, no diapasão dos interesses incessantes de ter da sociedade moderna, colabora para que os indivíduos também passem de sujeitos a coisas (objetos aptos a serem consumidos), em contra partida, pelo apego material intenso, as coisas passam a ser mais importante que o próprio ser.

Com os animais não é diferente, estes, que já eram vistos como "máquinas" por Descartes, como seres não sencientes, insensíveis, agora são verdadeiros objetos ao dispor dos interesses modernos, disponíveis nos mercados, em lojas, nas vitrines, restaurantes. A vida animal, na atual conjectura, está associada à ideia de *coisa.* Tanto é que a vida animal, nos diferentes exemplos que podem ser tomados, está reduzida a atender anseios humanos. Por isso os *animais de laboratórios,* são instrumentaliza-

Revista Brasileira de Direito Animal, Salvador, v. 9, n. 17, set./dez. 2014.

dos para atender fins puramente humanos, bem como em circos, rodeios, vaquejadas e zoológicos. Os animais são explorados para o entretenimento humano.

Deste modo, é de extrema relevância a compreensão, no que se refere ao aperfeiçoamento de seus usos, que surgem em diversos segmentos da modernidade, para que *melhor* se utilize dos animais.

A cada hora, a cada minuto milhares de animais são mortos em diferentes contextos: abatedouros, laboratórios, por maus tratos e no tráfico. As mortes vêm gratuitamente, mas não indolor, uma vez que esses animais nascem para sofrer e morrem para atender aos gostos humanos. Os que não são mortos são maltratados, submetidos à dor e sofrimento.

Em resumo, os animais representam, vulgarmente, um comércio, e nesse comércio que lucra, são os indivíduos humanos que exploram e usam dos animais, crendo serem seus proprietários. Proprietários de coisas disponíveis. É isso que acreditam serem os animais: seus animais, suas coisas, sua propriedade.

3. Os animais e as relações de consumo

A sociedade moderna ao reformular o cenário em relação aos animais incutiu na mente dos indivíduos – ou consumidores - que os animais não sentem dor, não estão providos de sentimento e sensibilidade ou de interesses próprios. Acaba que, esse grande espetáculo, em que as verdades ficam escondidas por detrás da cortina tomou uma proporção tão grande, que se concretizou como verdade. As crianças, por exemplo, não conseguem relacionar o pedaço de bife posto no prato, na hora do almoço, com o animal vivo, ou com a vaquinha que sorri na publicidade que passa no horário nobre da TV.

A mídia banaliza algumas situações que geram um desconforto generalizado nos indivíduos, como o maltrato a um cachorro ou um gato (geralmente de raça), mas esconde toda a

prática de exploração do consumo, a exploração do interesse econômico que prevalece sobre o interesse da vida.

No que se refere à informação quanto ao uso e exploração que a humanidade tem feito dos animais, não se pode dizer que "não sabíamos". Entretanto, para aqueles que têm como restrito meio de informação as grandes mídias, ou que se satisfazem com informações mastigadas e já banalizadas, acabam por acomodar-se no limbo da ignorância. É desconhecida (talvez por uma alienação consciente) a conduta adotada para o abate de animais e a forma como são criados em ambientes artificiais e estressantes, assim como é desconhecida esta realidade por detrás da venda de animais em pets, a utilização de animais para pesquisas, onde, muitas destas, ocorrem sem razão de ocorrerem já que não trazem benefícios almejados na busca da cura de doenças ou de resolução de problemas e que, no fim, se concluirão irrelevantes e sem aplicação ou aproveitamento.

O único empenho aos quais os indivíduos têm-se dedicado é na ampliação da exploração animal que, consequentemente, virão a reverter-se em lucro, em capital. O objetivo único da realidade atual é que se ampliem os negócios explorando e submetendo os animais ao sofrimento desmedido.

Muitas vezes, "Por absoluta ignorância, muitas pessoas acreditam que animais sejam desprovidos de capacidades cognitivas e sensitivas, corroborando a visão de que foram feitos apenas para nosso uso."[14] Acabando por justificar as práticas de completa sofreguidão impostas a eles. Mesmo quando a ciência vem provando e afirmando que os animais são seres dotados de consciência. Veja-se, por exemplo, o caso do Manifesto de Cambridge, assinado em 2012 por diversos cientistas, alegando que os animais possuem certo grau de consciência e, logo, não podemos mais ignorar tal afirmação.[15]

Na exatidão da falsa verdade, os indivíduos opõem-se freneticamente a crer que também eles (nós) são animais – e não superseres - que fazem parte de um corpo único. Pelo contrário, preferem a mentira conveniente que os tornam semideuses (em

Revista Brasileira de Direito Animal, Salvador, v. 9, n. 17, set./dez. 2014.

relação aos animais) e que, como semideuses tem o direito de se apoderarem de tudo que está ao redor, tomando para si a vida animal, como um bem a ser apoderado e utilizando-se conforme os próprios anseios.

Basta olhar ao longo da história e vislumbrar o show de barbáries que a humanidade – no "auge" da sua racionalidade - foi capaz. "(...)... é horrível vislumbrar como todos os opressores em seus vários níveis, se assim desejarem, são capazes de dobrar os fracos e os silenciosos de diversas maneiras, uma vez que descobrem seus pontos fracos".[16] E é isso o que acontece com os animais ainda hoje, todavia há que se ressaltar que também foi isso o que aconteceu com os negros, os judeus, as mulheres, os índios, os ditos "seres inferiores" – ou "sem alma".

Talvez se possa fixar que tal exclusão dos animais da esfera das considerações éticas ocorre pela construção especista, que é o preconceito daqueles que não pertencem à mesma espécie, assim como o machismo ou como o racismo.

A verdade é que,

> Os animais vêm pagando com a própria vida a irracionalidade humana. Com ataques constantes à fauna, várias espécies foram dizimadas e outras se encontram em processo de extinção. Os animais são privados de sua liberdade com o objetivo de lucro financeiro do homem que os considera como propriedade ou mercadoria, são confinados até o momento do abate, são submetidos a morte dolorosa e lenta, são constrangidos física e psicologicamente para estudos de comportamento, são torturados em tráficos, em laboratórios e em aulas de medicina e veterinária, são forçados, castigados e maltratados em circos e lares, são alvos de descarga da ira e do mal-humor do homem, são machucados, amarrados, queimados vivos, afogados, são submetidos a todos os tipos de atrocidades, inclusive as inimagináveis. Enfim, os animais são aqueles que pagam com a vida o progresso tecnológico, o desenvolvimento das ciências e a insensatez humana.[17]

Assim, a questão que se coloca envolve a relação consumista que se desenvolve no cerne do comportamento da modernidade com uma necessidade de se ter melhor tratamento para com os

animais. Estes, ainda que dependentes do humano, necessitam de um tratamento respeitoso fundado nas suas próprias características e condições individuais.

4. Os animais como objetos de testes

As experimentações laboratoriais são recorrentes práticas realizadas em animais desde a antiguidade. Naquele período, elas aconteciam com o intuito de conhecer e entender o funcionamento do corpo e dos sistemas que o integram. As mesmas práticas empregadas na antiguidade reiteram-se até os dias atuais, usando dos animais como meios para chegar a um fim já previsível. Em todo esse universo de testes e utilização do animal no meio tecnocientífico, o animal é instrumento utilizado em nome do *desenvolvimento da ciência.*

Desconstituídos de sua natureza e consciência os *animais de laboratórios*, como são denominados, sofrem através de práticas e técnicas que não levam em consideração que animais são seres dotados de autoconsciência e que por isso não podem ser usados para atender anseios que não condigam com seus próprios interesses. No caso em questão, o que se quer dizer é que animais que são tomados como instrumentos para compreender reações químicas e físicas, voltem a ser livre e sejam tomados como seres com fim em si mesmo e não como meio, como instrumento. Assim, o que se vislumbra, através do entendimento abolicionista, é que testes usando animais sejam parados.

Contudo, há que se conhecer o que é desconhecido. Muitas destas abomináveis práticas em que animais são vitimados todos os dias, também ocorreram com humanos servindo de cobaias, em alguns períodos da história.

> Na Alemanha, sob o regime nazista, quase duas centenas de médicos, alguns eminentes, participaram de pesquisas com prisioneiros judeus, russos e poloneses. Milhares de outros médicos sabiam desses experimentos, alguns dos quais foram objeto de conferências em escolas da

Revista Brasileira de Direito Animal, Salvador, v. 9, n. 17, set./dez. 2014.

> área. Os registros mostram que eles ouviram relatos verbais que os horríveis danos infligidos a essas "raças inferiores", e prosseguiram discutindo as lições que podiam tirar deles, sem que ninguém apresentasse o mais leve protesto contra a natureza dos experimentos.[18]

Ao olhar para a história já escrita, comprova-se a presença de práticas de cunho científico com aqueles que foram, por algum motivo, considerados inferiores diante de outros. Veja-se, neste sentido, o exemplo da Alemanha nazista, que se utilizou dos judeus, negros e homossexuais (entre outros) para fins científicos, por considerá-los inferiores à raça ariana.

Entrementes, assim como nos períodos em que os seres humanos usados como cobaias não representavam qualquer preocupação com as dores que poderiam vir a ser infligidos a essas pessoas, assim também o é na atualidade, em relação aos animais, "Aos olhos do pesquisador os animais torna-se eticamente neutros, como se fossem meros objetos descartáveis."[19]

Na vida nos laboratórios, crê-se – fielmente – que esses animais, já nascem "para isso", é como se fizessem parte daquele espaço, como o sofá na sala, a cama no quarto. Os pesquisadores creem que as "cobaias" já vêm ao mundo como cobaias e vivem para isso, esperando até o momento de serem retalhados, de serem submetidos a testes.

> Nossa triste fauna de laboratório – ratos (utilizados geralmente para se investigar o sistema imunológico), coelhos (submetidos a testes cutâneos e oculares, além de outros atrozes procedimentos), gatos (que servem sobretudo às experiências cerebrais), cães (normalmente destinados ao treinamento de cirurgias), rãs (usadas para testes de reação muscular e, principalmente, na observação didática escolar), macacos (...), porcos (cuja pele freqüentemente serve de modelo para o estudo da cicatrização), cavalos (muito utilizados no campo da sorologia), pombos e peixes (que se destinam, em regra, aos estudos toxicológicos), dentre outras várias espécies -, transforma-se em cobaia nas mãos do pesquisador, servindo como modelo experimental do homem.[20]

Para tanto, abarca-se algumas referências quanto ao teste Draize, criado pelo cientista John Draize e utilizado a mais de 30 anos tanto pela indústria de cosméticos, quanto para produtos de limpeza.[21]

Este teste,

> (...) consiste em colocara solução ou substância sólida do cosmético que está sendo testado, em forma concentrada, nos olhos ou na pele dos animais. São observadas as reações causadas nos dias seguintes ao teste. Um dos animais mais utilizados é o coelho, por ser um animal barato, manso, e ter os olhos grandes. Quando as substâncias químicas são colocadas em seus olhos, eles pulam, choram, se contorcem de dor e tentam sair da jaula. Para evitar que consigam esfregar os olhos e retirar as substâncias, eles são presos em compartimentos onde não podem se mexer, exceto a cabeça, única parte do corpo visível. Às vezes é necessário o uso de clipes de metal para que as pálpebras sejam forçadas a ficar abertas permanentemente. Durante o processo, nenhuma anestesia é usada, e os coelhos muitas vezes acabam cegos.[22]

Importante que seja notado na citação acima, quando se fala em utilização de coelhos, "por ser um animal barato", ou seja, dá a sensação de que se estivesse falando de objetos. Algo (pois é, realmente, visto como um objeto) que representa, apenas, uma preocupação com a questão econômica, de minimização de gastos, de diminuição de custos e maximização de lucro.

Nesse contexto, os animais não são entendidos como seres sensíveis, dotados de consciência, deixam de ser vistos como seres que possuem desejos e vontades próprias. São, apenas, mais um utensílio, um instrumento que, por fim, são tidos para satisfazer as instâncias econômicas e de consumo, que a sociedade moderna, a mesma que se julga tão racional, exige que seja atendida.

Além do mais, a realização reiterada de testes, completa a ideia de desenvolvimento de todas as formas, no entanto não condiciona a eficácia, ao serem utilizadas pelos seres humanos. Muitos são os casos, de substâncias testadas, por anos em ani-

mais e que, ao chegarem aos indivíduos, trouxeram resultados inesperados ou imprevistos.

> Isso se deve ao fato de que homens e animais reagem de forma diversa às substâncias: a aspirina, que nos serve como analgésico, é capaz de matar gatos; a beladona, inofensiva para coelhos e cabras, torna-se fatal ao homem; a morfina, que nos acalma, causa excitação doentia em cães e gatos; a salsa mata o papagaio e as amêndoas são tóxicas para os cães, servindo ambas, porém, à alimentação humana.[23]

Como exemplo, um dos casos mais comentados, refere-se à talidomida, em que depois de gestantes terem feito o uso de tal medicamento para enjoos, os bebês, quando nasceram, traziam inúmeras formas de deficiências físicas.

> A tragédia da talidomida, nos anos 60, demonstrou o malefício que pode advir da falsa segurança que a experimentação animal atribui a uma substância: 10.000 crianças nasceram como deformações congênitas nos membros, depois que suas mães – durante a gravidez – ingeriram tranqüilizantes feitos com esse produto, os quais tinham sido ministrados, sem problemas, em ratos durante três anos. Sabe-se hoje, também que um terço dos doentes renais, que necessitam de diálise, destruíram sua função hepática tomando analgésicos tidos como seguros porque testados em animais. Os CFC (clorofluorcarbonetos), que foram considerados confiáveis após terem sido testados em animais, causaram o perigoso buraco na camada de ozônio sobre a Antártida.[24]

Há que se perceber que os métodos em que os humanos se apoiam para a exploração da vida animal e o infligir de dor aos mesmos se espalha por todos os segmentos da vida moderna e tem se expandido de forma gradual.

Ainda, com relação aos animais que são utilizados como instrumentos da indústria dos testes, há que se dizer que estes não ficam restritos a testes com substâncias químicas ou para as práticas e técnicas médicas. A psicologia, também, muito se utiliza de testes em animais com o intuito de perceber e analisar quais são os possíveis modos com que os indivíduos poderão vir a

desenvolver transtornos e comportamentos. Como exemplo, cita-se, o caso de uso de bonecos para averiguação do comportamento infantil, a partir da renegação da mãe, em tais práticas, os alvos destas pesquisas tem-se por hábito a utilização de filhotes de macacos. E aqui é cabível a reflexão a cerca da tristeza a que estes animais são subjugados, uma vez que ficam confusos diante do comportamento materno, perdendo o ponto de referência em relação ao afeto, carinho, a relação de proteção e cuidado, que no contexto natural possuem em relação às mães.

O condicionamento do sofrimento aos animais sempre vem correspondido a interesse econômico, que é considerado muito mais importante e de maior relevância quando comparado à vida destas criaturas.

As práticas descritas até aqui e, que estão longe de serem as únicas, significa um longo e interminável rol de atitudes humanas que refletem uma real desumanidade para gerar sofrimento aos animais e, também, para liquidar essas vidas, que sofrem constantemente, abaixo dos olhos dos indivíduos que continuam indiferentes ao que tem reservado a essas criaturas.

5. Conclusão

É possível afirmar que os animais são seres dotados de consciência e sensibilidade e que a partir dos movimentos éticos contemporâneos é possível parar estas práticas cruéis com animais não humanos, buscando, assim, um estado efetivo de proteção e respeito destes animais. Assim, pode-se afirmar certo descompasso da modernidade quando esta infere aos animais uma condição de meros objetos, ou res, não lhes reconhecendo atributos sensitivos.

A realização de uma crítica a este fim específico da utilização do animal pressupõe o término das discriminações e práticas institucionalizadas referentes aos status de propriedade dos animais não humanos. Isso significa, portanto, assumir uma

Revista Brasileira de Direito Animal, Salvador, v. 9, n. 17, set./dez. 2014.

nova condição de racionalidade envolvendo os animais e os humanos.

Esta nova racionalidade não deve estar amparada na superioridade de um ser sobre os outros, ao contrário deve ter como essência uma visão holística do mundo que se vive, tendo respeito por todos os seres que integram o meio. Daí a relevância do questionamento ético e da formação de um novo pensamento que rompa como o aparato ideológico atual, que visa atender aos anseios humanos e deixa a mercê do debate ético as demais criaturas vivas.

A partir disto, compreendendo a relevância do Direito para ampliar os horizontes da vida em sociedade e entendendo como este é um instrumento capaz de alterar os rumos da humanidade, conclui-se do papel singular que este simboliza e que se apresenta para os passos futuros que a humanidade deverá dar, tendo como significado um futuro não mais nebuloso para os animais. Assim, é preciso, que a humanidade, nesta estrutura de ruptura, tenha um novo olhar para a questão dos animais.

Neste viés, é relevante que se reproduza a opinião de Peter Singer que, ao tratar da necessidade de um procedimento ético para com os animais, coloca que as noções desta surgem das consequências dos atos individuais para com todos os seres por eles afetados. Trata-se, assim, de uma "regra de ouro", onde a ideia é sempre um questionar acerca dos efeitos que uma ação pode provocar nos demais seres e no próprio sujeito.[25]

6. Notas de referência

1 LEVAI, Laerte Fernando. *Reflexões sobre a tolerância:* direitos dos animais. Valéria Barbosa de Magalhães, Vânia Rall (orgs.). São Paulo: Humanitas, 2000. p. 59.

2 LOURENÇO, Daniel Braga. *Direito dos Animais:* fundamentação e novas perspectivas. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2008. p. 36.

[3] Jean-Claude Nouët apud ARAÚJO, Fernando. *A hora dos direitos dos animais*. Coimbra: Livraria Almedina, 2003. p. 45.

[4] HOBBES, Thomas. *Leviatã, ou, Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. Tradução Rosina D'Angina. São Paulo: Martin Claret, 2009. p. 51.

[5] Ibidem, p. 83.

[6] LOURENÇO, op. cit., p. 196.

[7] PLUTARCO apud LOURENÇO, Daniel Braga. *Direito dos Animais*: fundamentação e novas perspectivas. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2008. p. 50-51.

[8] HARRISON apud ARAÚJO, Fernando. *A hora dos direitos dos animais*. Coimbra: Livraria Almedina, 2003. p. 56.

[9] BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida.* Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 128-129.

[10] Ibidem, p. 39-40.

[11] Ibidem, p. 131.

[12] BAUMAN, Zigmunt. *Vida para consumo:* a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 71.

[13] Ibidem, p. 76.

[14] LOURENÇO, op. cit., p. 531.

[15] http://www.altosestudos.com.br/?p=51966

[16] WOOLF, Virgínia. *Flush*. Tradução Ana Ban. Porto Alegre: L&PM, 2010. p.83.

[17] RODRIGUES, Danielle Tetü. *O direito & os animais:* uma abordagem ética, filosófica e normativa. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2011. p. 59.

[18] SINGER, op. cit., p. 122.

[19] LEVAI, op. cit., p. 64.

[20] Idem, p. 64.

[21] CHUAHY, op. cit., p. 65.

[22] CHUAHY, op. cit., p. 65.

[23] LEVAI, op. cit., p. 64.

[24] LEVAI, op. cit., p. 65.

[25] SINGER, op. cit., p. 429.